

# Uma comparação gramatical, fonológica e lexical entre as famílias Guaikurú, Mataco e Bororo: um caso de difusão areal?<sup>1</sup>

## A grammatical, phonological and lexical comparison between the Waikurúan, Matacoan and Bororoan families: a case of areal diffusion?

Rafael Nonato<sup>1</sup>  
Filomena Sandalo<sup>II</sup>

**Resumo:** O objetivo desse artigo é fazer uma comparação entre as famílias lingüísticas Guaikurú, Bororo e Mataco com base em (i) uma comparação do morfema relacional em Guaikurú e Bororo; (ii) uma comparação do uso de mecanismos de ar glotal na implementação de plosivas desvozeadas em Kadiwéu (Guaikurú) e Bororo; (iii) a comparação de 350 itens entre Guaikurú e Mataco e 138 itens entre Guaikurú e Bororo. A evidência sugere que essas famílias estiveram em contato intenso, mas um relacionamento genético ainda parece incerto.

**Palavras-chave:** Chaco. Morfema relacional. Lingüística areal.

**Abstract:** This paper aims at a comparison of the Waikurúan, Bororoan and Matacoan language families on the basis of (i) the comparison of the relational morpheme in Waikurúan and Bororo; (ii) the comparison of the use of glottal air flow mechanisms when implementing voiceless plosives in Kadiwéu (Waikurúan) and Bororo (Bororoan); and (iii) the comparison of 350 items in Waikurúan and Matacoan and 138 items in Waikurúan and Bororoan. The evidence suggests that these families have been in intense contact, but a genetic relationship between them seems to be at least uncertain.

**Keywords:** Chaco. Relational morpheme. Areal linguistics.

---

<sup>1</sup> Os dados deste trabalho são provenientes de trabalho de campo: Bororo, Rafael Nonato; Kadiwéu, Filomena Sandalo; Umutina, Stella Telles e Jaqueline França; outras línguas Guaikurú e Mataco, Verónica Grondona e Lyle Campbell. Este trabalho está inserido no projeto SOAS MDP0048, *Documentation of Chorote, Nivaclé and Kadiwéu: three of the least known and most endangered languages of the Chaco*.

<sup>I</sup> Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Departamento de Lingüística. Campinas, São Paulo, Brasil (rafaeln@gmail.com).

<sup>II</sup> Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Departamento de Lingüística. Campinas, São Paulo, Brasil (fsandalo@gmail.com).



## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma comparação lingüística inicial entre as famílias Guaikurú, Bororo e Mataco. As línguas da família Mataco e Guaikurú são freqüentemente apontadas como relacionadas (Kaufman, 1994; Viegas Barros, 1993), mas uma relação genética nunca foi atestada. Além disso, similaridades lingüísticas e culturais existem entre as línguas Guaikurú (particularmente Kadiwéu), Guató e Bororo, ambas classificadas como Macro-Jê (ver Levi-Strauss, 1955; Rodrigues, 1983; Steward, 1963; Sandalo, 2002), similaridades as quais podem ser devidas à relação genética ou à difusão lingüística. Nenhuma destas hipóteses pôde ser verificada porque quase nenhum trabalho histórico foi realizado com as línguas do Chaco. Os Mbayás/Kadiwéus foram cultural e politicamente dominantes na área (cf. Mason, 1963), o que pode ter deixado um impacto lingüístico nas outras línguas da região. Todas estas línguas são faladas na região dominada pelos Mbayás, dos quais os Kadiwéus descendem, ou nas proximidades desta região, como pode ser verificado na delimitação da nação Mbayá estabelecida por Sánchez Labrador (1760, p. 7):

La Nacion está muy estendida, y poblada de gente. Se há enseñoreado de la tierra por centenares de leguas. Desde el Tropico de Capricornio, es decir, desde los 23° grados, y medio de latitud Austral, hasta los 19° grados de la misma hacia el Ecuador, llenan la tierra por la orilla oriental, y parte por la occidental del famoso rio Paraguay.

A família Bororo conta com as seguintes línguas: Bororo, Umutina e Otuké (Campbell, 1997). O Bororo é a última língua viva da família Bororo. Kadiwéu é a única língua sobrevivente do tronco Guaikurú da família Guaikurú (Ceria; Sandalo, 1995) e é falada no Brasil; Mocoví, Pilagá, Toba – faladas na Argentina – e a língua extinta Abipón constituem o tronco Sul da família Guaikurú (Ceria; Sandalo, 1995). Chorote e Nivaclé (Chulupí ou Ashlushlay), juntamente com Maká e Wichí, constituem a família Mataco (cf. Tovar, 1964).

Comparamos, neste trabalho, 350 itens lexicais entre Mataco e Guaikurú e 138 entre Guaikurú e Bororo. Embora a comparação entre Mataco e Guaikurú tenha levado em conta mais itens, em termos percentuais ela se mostrou menos expressiva que a comparação entre Guaikurú e Bororo (4 contra 20%). Portanto, neste primeiro momento, procuramos estabelecer mais relações entre traços dos sistemas gramatical e fonológico das famílias Guaikurú e Bororo.

Na seção 'Similaridades gramaticais', comparamos o morfema relacional nas famílias Guaikurú e Bororo, que apresentam similaridades reconstruíveis a um mesmo sistema de maneira trivial. Em 'Comparação dos mecanismos de ar', analisamos o emprego de mecanismos de ar glotal na implementação das oclusivas surdas em Kadiwéu e Bororo; essa característica do sistema fonético destas línguas é notável, dada a sua baixa ocorrência nas línguas da América do Sul. Na seção 'Comparação lexical', comparamos itens lexicais. A seção 'Considerações finais' apresenta nossas considerações a respeito da comparação realizada.

## SIMILARIDADES GRAMATICAIS

As línguas Guaikurú apresentam morfemas de concordância para sujeito e objeto. Apresentamos os fatos a partir da língua Kadiwéu. Kadiwéu apresenta concordância com o sujeito e com o objeto direto através de prefixos. Mas há apenas um lugar para a marca de concordância e, assim, prefixos de sujeito e de objeto estão em distribuição complementar, como pode ser notado nos exemplos de (1) a (9). Há uma hierarquia de pessoa,  $2 > 1 > 3$ , que define qual argumento deve ser marcado morfologicamente. Assim, se o objeto for de terceira pessoa, o verbo concorda com o sujeito, exemplos de (1) a (4).



- (1) jema:  
*j-ema:n*  
1SUJ-amar/querer  
'Eu o/a amo.'
- (2) jema:naGa  
*j-ema:n-Ga*  
1SUJ-amar/querer-pl  
'Nós o/a amamos.'
- (3) ema:ni  
*a-ema:n-i*  
2SUJ-amar/querer-pl  
'Vocês o/a amam.'
- (4) yema:  
*y-ema:n*  
3SUJ-amar/querer  
'Ele/ela o/a ama.'

Mas o verbo concorda com o objeto se o sujeito for de terceira pessoa e o objeto de segunda ou primeira pessoa, exemplos de (5) a (7):

- (5) id:ema:  
*i-d:-ema:n*  
1OBJ-relacional-amar/querer  
'Ele/ela me ama.'
- (6) God:ema:  
*Go-d:-eman*  
1plOBJ-relacional-amar/querer  
'Ele/ela nos ama.'



- (7) Gad:ema:ni  
*Ga-d:-eman-i*  
2OBJ-relacional-amar/querer-pl<sup>2</sup>  
'Ele/ela ama você.'

Quando não houver nenhuma terceira pessoa envolvida, isto é, ambos os argumentos são primeira ou segunda pessoa, o argumento de segunda pessoa é marcado (2 > 1), exemplos (8) e (9).

- (8) Gad:ema:ni  
*Ga-d:-eman-i*  
2OBJ-relacional-amar/querer-pl  
'Eu amo você.'

- (9) ad:ema:ni  
*a-d:-eman-i*  
2SUJ-relacional-amar/querer-pl  
'Você me ama.'

Verbos intransitivos (inacusativos, reflexivos, antipassivos e verbos que sofreram incorporação) são marcados por um conjunto diferente de marcadores de sujeito<sup>3</sup>, conforme exemplos de (10) a (12):

- (10) id:acotaGa  
*i-d:-acodi-Ga*  
1SUJ-relacional-descer-pl  
'Nós descemos.'

---

<sup>2</sup> A segunda pessoa é sempre marcada com um circunfixo cuja parte final é um *-i*, que é glossado como plural por ocupar a posição de outros pluralizadores no Kadiwéu. Assim, trata-se de uma língua com funcionamento similar ao do inglês em relação à segunda pessoa, isto é, não existe uma forma morfológica de segunda pessoa singular.

<sup>3</sup> Verbos intransitivos inergativos são marcados como verbos transitivos. Este padrão é atestado também em línguas como o Basco e o Georgiano. Note que os verbos inergativos são analisados como lexicalmente transitivos por Hale e Keyser (1993), o que pode explicar a existência deste padrão de marcação.

- (11) d:apiqo  
 Ø-d:-apiqo<sup>4</sup>  
 3SUJ-relacional-esquentar  
 'Está quente.'
- (12) inemata  
 i-n-ema:n-t-e-wa  
 1SUJ-antipassivo-amar/querer-EPN-3 dativo  
 'Eu o amo (antipassivo).'

Em suma, Kadiwéu tem um padrão tripartido de marcação de concordância através de prefixos. A Tabela 1 apresenta os marcadores de sujeito e de objeto do Kadiwéu.

Tabela 1. Prefixos de concordância do Kadiwéu.

	SUJEITO (transitivo)	SUJEITO (intransitivo)	OBJETO
1sg	j-	i-	i-
2sg	a-...-i	a-...-i	Ga-
3sg	y- ~ w-	Ø-	---
1pl	j-...-Ga	i-...-Ga	Go-
2pl	a-...-i	a-...-i	Ga-...-i
3pl	y-...-Ga	o-Ø	---

É crucial observar que quando o objeto é de primeira ou segunda pessoa, além de o verbo concordar com o objeto, este ocorre obrigatoriamente em posição pré-verbal e o verbo aparece obrigatoriamente marcado pelo morfema *d:-*, rotulado de relacional pela literatura indigenista brasileira. Compare os exemplos abaixo: em (13) o objeto precede o verbo e o relacional ocorre, e em (14), o objeto segue o verbo e o relacional não ocorre.

- (13) Goti aqa:m:i                      Gad:ema:ni  
 Goti aqa:m-i                      Ga-d:-ema:n-i  
 Goti 2PRONOME-pl              2OBJ-relacional-amar/querer-pl  
 'Goti ama você.'

<sup>4</sup> Um verbo intransitivo sempre concorda com o sujeito e, portanto, postulamos a existência de um morfema Ø para sujeito de terceira pessoa intransitiva.

- (14) Goti yema Ekode  
*Goti y-ema:n*                      *Ekode*  
 Goti 1SUJ –amar/querer    Ekode  
 'Goti ama Ekode.'

Mencionamos anteriormente que o verbo sempre concorda com um argumento de segunda pessoa. Note que mesmo se o argumento em concordância for sujeito, se houver um argumento interno de primeira ou segunda pessoa, o relacional é obrigatório e o objeto é preposto, como exposto nos exemplos (15) e (16).

- (15) e:                      aqa:mi                      Gad:ema:ni  
 e:                          *aqa:mi*                      *Ga-d:-ema:n-i*  
 1PRONOME              2PRONOME              2OBJ-relacional-amar/querer-pl  
 'Eu amo você.'

- (16) aqa:mi                      e:                      ad:ema:ni  
*aqa:mi*                      e:                      *a-d:-ema:n-i*  
 2PRONOME              1PRONOME              2SUJ-relacional-amar/querer-pl  
 'Você me ama.'

O relacional ocorre também com verbos inacusativos – ver exemplos (10) e (11) – e, nestes casos, também o argumento paciente deve ocorrer em posição pré-verbal. Dado a ocorrência de *d:-* com diferentes tipos de morfemas, postulamos que se trata realmente de um morfema independente no Kadiwéu. Este morfema indica o deslocamento de um argumento paciente para uma posição à esquerda do verbo.

Evidência adicional vem do fato de o relacional não ocorrer com verbos inergativos e antipassivizados, como mostram os exemplos (17) e (18):

- (17) e:                      jigaa  
 e:                          *j-i-ga:n*  
 1PRONOME              1SUJ-EPN-cantar  
 'Eu cantei.'

- (18) e:                      inema:taGawa  
 e:                          *i-n-ema:n-t-aGa-wa*  
 1PRONOME              1SUJ-antipassiva-amar-EPN-2-dativo  
 'Eu amo você (antipassivo).'

Mas ocorre com verbos reflexivos e médios, que contam com um argumento paciente deslocado para a posição inicial, exemplos (19) e (20):

- (19) e: inidema:  
 e: i-n-d:-ema:n  
 1PRONOME 1SUJ-refl-relacional-amar  
 'Eu me amo.'

- (20) waka dajigo  
 waka Ø-d-ajigo  
 vaca 3SUJ-relacional-dar  
 'A vaca foi doada.'

Há vestígios da existência do relacional em todas as línguas da família Guaikurú, como pode ser notado na Tabela 2, embora reinterpretados como parte do sistema de concordância nas outras línguas Guaikurú. Note também que, nesta tabela, acrescentamos dados da língua Bororo, uma vez que segue na próxima seção uma discussão sobre estes dados. Vamos argumentar que, também nesta língua, um morfema relacional pode ser reconstruído.

Tabela 2. Prefixos de objeto das línguas Guaikurú e Bororo e morfema relacional.

	Tronco Guaikurú			Tronco Sul		Bororo
	P-Gkr	Kdw	Mby	Tb	Mcv	
<b>1sg</b>	*i-d:-	i-d:-	<id->	ǰ- (<id-)	ǰ- (<id-)	i(t)- i(n)- i(k)-
<b>2sg</b>	*a-d:-	a-d:-	<ad->	?ad-	-id	a(k)-
<b>3sg</b>		-	-	Ø	Ø	u- ~ Ø-
<b>1pl</b>	*Go-d:-	Go-d:-	<cod->	?	qad-	pa(g)- ce(d)- ce(n)- ce(g)-
<b>2pl</b>	*Ga-d:-	Ga-d:	?	?	-(i)i	ta(g)-
<b>3pl</b>	*...-e-d:(?)	Ø	?	Ø ... -d	Ø ... -ed	e(t)- e(n)- e(k)-

A história de contato lingüístico nas Américas antes do século XVI se distingue bastante da européia. Enquanto no velho mundo foi sobretudo em contextos de isolamento que as línguas se diferenciaram, nas Américas, o contato profícuo entre os povos gerou um quadro lingüístico que dificulta a classificação das línguas por famílias. Essas situações, em que línguas não aparentadas faladas em áreas contíguas compartilham traços lexicais, morfológicos e sintáticos,



se deixam melhor apreender pela utilização do conceito de área lingüística (cf. Campbell, 1997). Entre os traços mais estudados nas línguas brasileiras está o relacional. Como esse morfema se encontra em línguas de diferentes famílias e troncos, constitui evidência para a delimitação de uma área lingüística.

A seguir, propomos uma reconstrução interna para o morfema relacional da língua Bororo (família Bororo, tronco Macro-Jê, cf. Rodrigues, 1986), em que reduzimos diacronicamente a variedade alomorfêmica atual a um único morfema, foneticamente caracterizável como uma oclusiva dental surda, e lhe atribuímos um funcionamento original similar ao do Kadiwéu. Essa caracterização, a par das evidências históricas de contato (cf. Métraux, 1945, 1963), permite supor que as línguas de ambas famílias formaram uma área lingüística com relação a esse traço.

## RECONSTRUÇÃO DO RELACIONAL EM BORORO

### Sistema sincrônico

A Tabela 3 compreende os prefixos de concordância de pessoa e número em Bororo. Esse mesmo conjunto de prefixos é usado na concordância do verbo com o seu objeto, do nome com o seu possuidor e da posposição com o seu argumento. É importante notar que, sincronicamente, Bororo, assim como as línguas da família Guaikurú com exceção de Kadiwéu, não tem hierarquia de pessoa. O relacional em Bororo, se tomarmos o sistema do Kadiwéu como o mais conservador, constitui-se em um resquício de um sistema anterior.

Tabela 3. Prefixos de concordância do Bororo.

		1ª. série	2ª. série		
Singular	<b>1</b>	[i]	[it]	[in]	[ik]
	2	[a]	[ak]		
	3	∅, [u]			
Plural	<b>1 exclusivo</b>	[tʃe]	[tʃed]	[tʃen]	[tʃeg]
	<i>1 inclusivo</i>	[pa]	[pag]		
	2	[ta]	[tag]		
	<b>3</b>	[e]	[et]	[en]	[ek]

Com a exceção do prefixo de terceira pessoa singular, de que não trataremos neste trabalho, todos os outros apresentam duas séries de alomorfes. A primeira série é afixada a raízes que começam com consoante (*i- mago*); a segunda, a raízes que começam com vogal (*it- aregodu*). É a consoante final dos morfemas dessa última série que analisamos como o relacional.

Os prefixos cujos núcleos fonéticos são vogais posteriores (grupo A em itálico na Tabela 3) têm na segunda série apenas um alomorfe. Os prefixos cujos núcleos fonéticos são vogais anteriores (grupo B em negrito na Tabela 3) têm três alomorfes na segunda série.

Os alomorfes da segunda série dos prefixos do grupo B se distribuem da seguinte forma: os terminados em coronais precedem raízes iniciadas com vogal não-alta (*it- aregodu, in- o*) e os terminados em velar são afixados a raízes iniciadas com vogal alta (*ik- ie*). Note que a consoante relacional que precede raízes começadas com vogal não-alta pode ser uma coronal nasal (*in-*) ou uma coronal oral (*it-*). A escolha é determinada lexicalmente (*it- aregodu, in- o*).



## Evolução diacrônica

Se postulamos como origem comum dos alomorfes relacionais uma oclusiva coronal, podemos dar conta, através de regras naturais de mudança, da variedade alomorfêmica atual da língua. Mostremos, portanto, através de exemplos, como essas mudanças sucessivas moldaram o sistema de prefixos da língua. As tabelas contêm, na primeira linha, um morfema do grupo B; na segunda, um morfema do grupo A; e, na terceira, um outro morfema do grupo B, representante de um grupo de morfemas em que acontece uma variação entre [t] e [d].

Postulamos a situação inicial descrita na Tabela 4, em que não haveria ainda qualquer alomorfia.

Tabela 4. Estado 1.<sup>5</sup>

it-aregodu	*it-ie	*it-õ	*it-mago
*at-aregodu	*at-ie	*at-õ	*at-mago
*cet-aregodu	*cet-ie	*cet-õ	*cet-mago

Uma primeira mudança seria a simplificação dos *clusters* consonantais, o que teria acontecido em um momento em que a língua definia as suas atuais restrições silábicas, de tipo silábico (Tabela 5).

Tabela 5. Estado 2.

it-aregodu	*it-ie	*it-õ	i-mago
*at-aregodu	*at-ie	*at-õ	a-mago
*cet-aregodu	*cet-ie	*cet-õ	ce-mago

Em seguida, o relacional assimila a posterioridade dos prefixos cujo núcleo é uma vogal posterior (Tabela 6).

Tabela 6. Estado 3.

it-aregodu	*it-ie	*it-õ	i-mago
ak-aregodu	ak-ie	*ak-õ	a-mago
*cet-aregodu	*cet-ie	*cet-õ	ce-mago

Além desse, ocorre outro processo de assimilação, da nasalidade da vogal inicial das raízes (Tabela 7). As oclusivas posteriores não participam desse processo devido a não existir uma nasal velar na língua.

Tabela 7. Estado 4.

it-aregodu	*it-ie	*in-õ	i-mago
ak-aregodu	ak-ie	*ak-õ	a-mago
*cet-aregodu	*cet-ie	*cen-õ	ce-mago

<sup>5</sup> As palavras em estágios anteriores da língua Bororo que, entretanto, correspondem sem mudanças a palavras do estágio atual não estão marcadas com um \*. Apenas as palavras que sofreram mudanças é que estão marcadas com \*.

Em um momento seguinte, desaparecem as vogais nasais da língua (Tabela 8), mas permanece o relacional nasal, que é reanalisado como uma variação lexicalmente determinada.

Tabela 8. Estado 5.

it-aregodu	*it-ie	in-o	i-mago
ak-aregodu	ak-ie	ak-o	a-mago
*cet-aregodu	*cet-ie	cen-o	ce-mago

Agora, inicia-se na língua uma tendência não mais à assimilação, mas à dissimilação. Diante de vogais anteriores, o relacional torna-se posterior (Tabela 9).

Tabela 9. Estado 6.

it-aregodu	ik-ie	in-o	i-mago
ak-aregodu	ak-ie	ak-o	a-mago
*cet-aregodu	*cek-ie	cen-o	ce-mago

O último fenômeno, esse ainda produtivo na língua, é a dissimilação de surdez em seqüências de obstruintes. A segunda obstruinte surda se vozeia (Tabela 10).

Tabela 10. Estado atual.

it-aregodu	ik-ie	in-o	i-mago
ak-aregodu	ak-ie	ak-o	a-mago
ced-aregodu	ceg-ie	cen-o	ce-mago

Claro esteja que essa sucessão de regras representa estados sucessivos da língua, não um ordenamento de regras sincronicamente ativo. Embora possamos supor um certo espelhamento entre as regras diacrônicas e as sincrônicas, o desaparecimento de certos traços superficiais (como a nasalidades nas vogais) força uma reinterpretação no momento da aquisição das regras fonológicas.

A idéia da assimilação pelo relacional da nasalidade de uma vogal que mais tarde perderia esse traço é de Rodrigues (1993).

Em suma, postulamos uma reconstrução do morfema relacional para o proto-Guaikurú, que seria de uma oclusiva coronal sonora longa (\*d:-). Além disso, hipotetizamos o funcionamento de marcador de deslocamento do objeto para uma posição pré-verbal, ainda ativo em Kadiwéu (cf. Sandalo, 2004), uma língua da família Guaikurú, para o proto-Guaikurú. Hipotetizamos, ainda, que este morfema pode ser reconstruído também para o Bororo com um funcionamento original similar ao Kadiwéu. Neste sentido, acreditamos que, em algum momento, a posição do argumento deve ter se fixado à esquerda no Bororo e o relacional reinterpretado como parte do morfema de pessoa.

## COMPARAÇÃO DOS MECANISMOS DE AR

González (2003), em um levantamento com 139 línguas da América do Sul, detectou que apenas 12% incluem ejetivas no seu inventário fonológico, sendo que três são línguas Mataco, que contrastam fonologicamente oclusivas surdas e ejetivas. Embora não haja contraste fonológico entre ejetivas e oclusivas surdas em Guaikurú e Bororo, nestas línguas todas as oclusivas surdas são implementadas como ejetivas. A presença de ejetivas é um traço raro na América do Sul; é, entretanto, um traço comum às línguas que estamos estudando.

As plosivas ejetivas se caracterizam como classe de sons pela estratégia articulatória empregada na construção de pressão dentro da cavidade bucal: paralelamente à obstrução oral, ocorre o fechamento da glote; após isso, a laringe é elevada, diminuindo o volume da cavidade oral e, conseqüentemente, aumentando a pressão interna. Finalmente, a obstrução oral é liberada e, em seguida, a oclusão glotal. Um exemplo de plosiva implementada com essa estratégia no Kadiwéu é o segmento [q] da palavra *digiqa* 'pedir' (Figura 1).

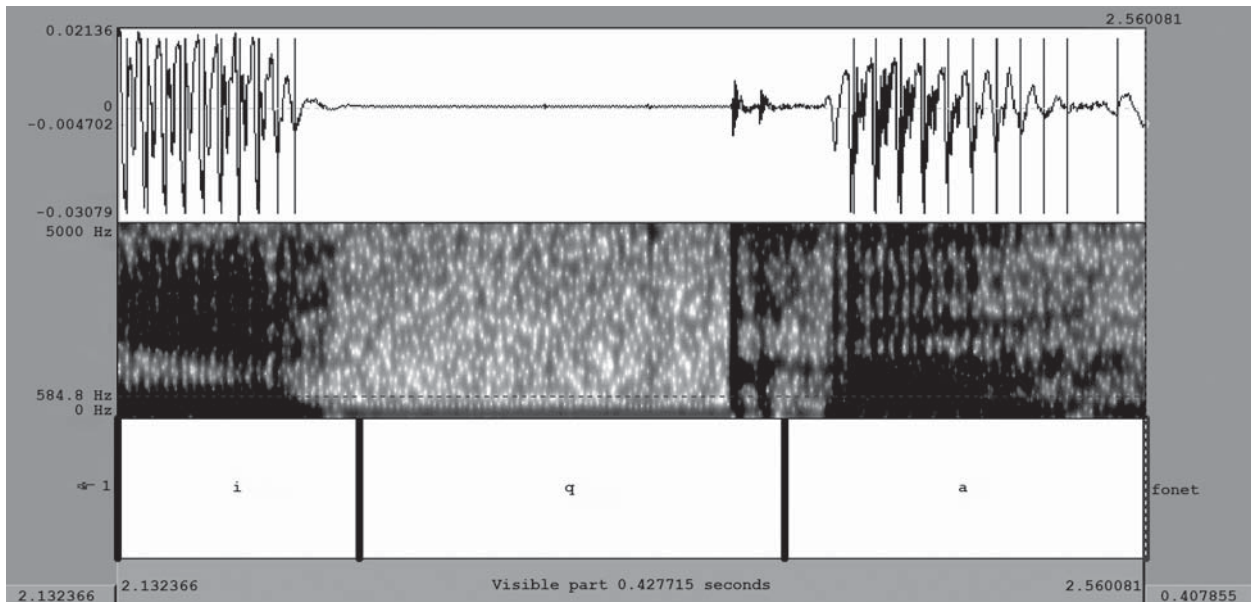


Figura 1. Ejetiva do Kadiwéu.

As ejetivas que encontramos em palavras do Bororo são atípicas por não apresentarem nem uma soltura tão ruidosa, nem um *voice onset time* (VOT) tão longo quanto as ejetivas prototípicas das línguas andinas. No entanto, os indícios de fechamento e abertura glotal nas extremidades de tais segmentos proibem adotar a hipótese de que se tenha aí um mecanismo de ar pulmonar. Ora, é mais plausível imaginar que nesses casos tenhamos encontrado ejetivas “fracas”, que se caracterizam por uma menor elevação laríngea e por uma coordenação temporal específica entre os movimentos de soltura das duas oclusões.

Na palavra *erit'udo* 'ir em ajuda de alguém', encontramos um desses segmentos, [t']. Vemos, antes de [t'], uma forma de onda irregular e aperiódica que pode ser atribuída ao gesto de oclusão glotal (Figura 2). É possível perceber que a vogal seguinte ao segmento começa laringalizada (Figura 3), o que se atribui ao gesto adiantado de abertura glotal. Vemos nessa palavra um bom exemplo da classe de som atípico em que estamos interessados.

Nos outros pontos de articulação que não o uvular, as oclusivas surdas do Kadiwéu são igualmente implementadas como uma ejetiva “fraca”.

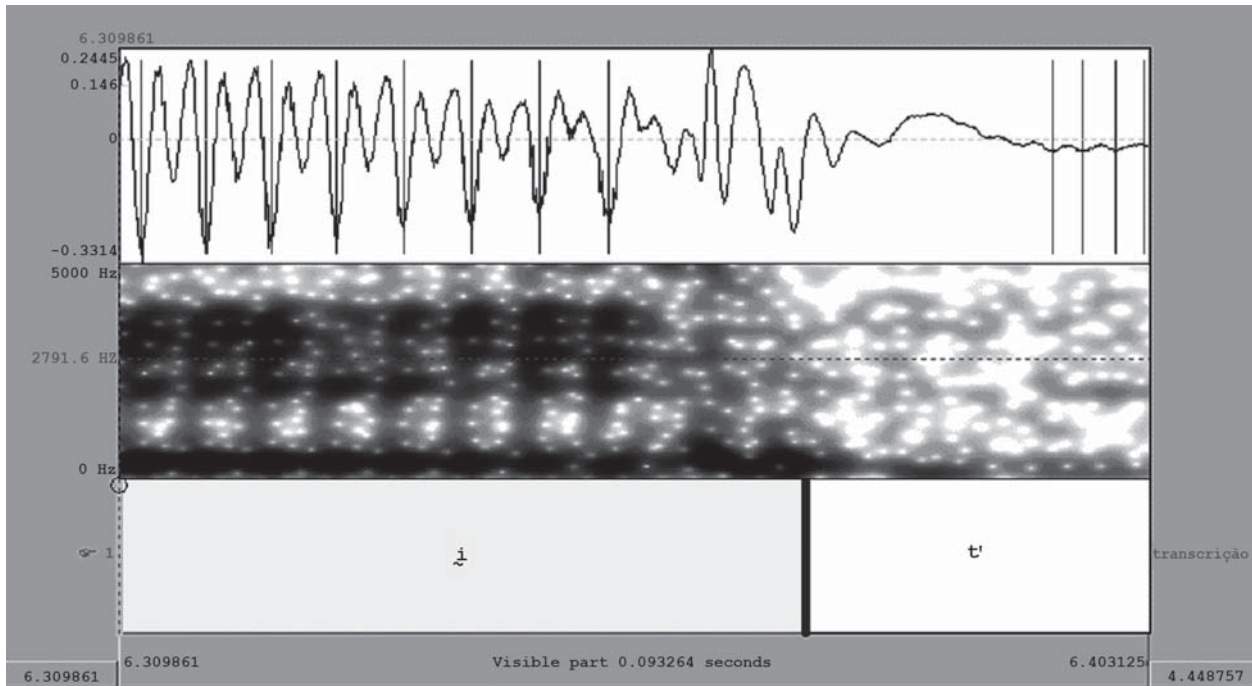


Figura 2. Fronteira entre vogal e ejetiva fraca.

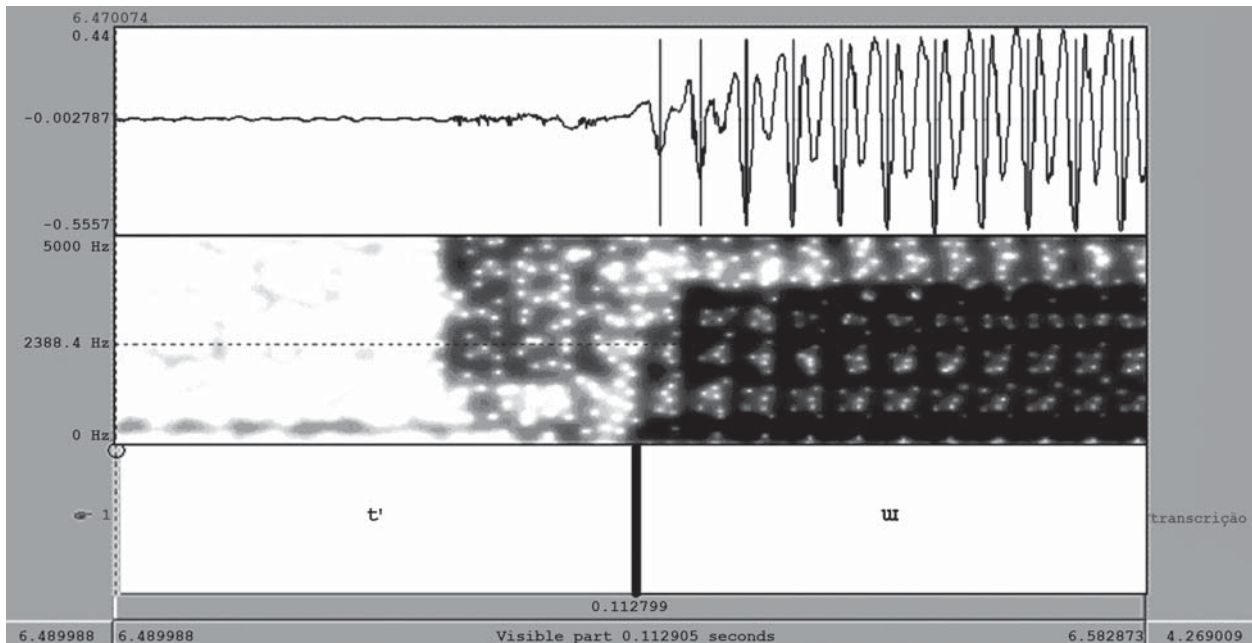


Figura 3. Fronteira entre ejetiva fraca e vogal.

Em termos articulatórios, a produção de uma oclusiva surda com um mecanismo de ar pulmonar exige menos esforço que a produção de uma oclusiva ejetiva. Isso dá conta do fato de que esses são segmentos raros e torna improvável o desenvolvimento de ejetivas a partir de segmentos pulmonares simples, de forma que é plausível o fenômeno, tanto em Kadiwéu quanto em Bororo, ter a origem num sistema diacronicamente reconstruível que contrastava oclusivas surdas com ejetivas, como nas línguas da família Mataco. Dado que em Bororo e Kadiwéu esse contraste não existe, pode-se hipotetizar que sua perda implicou o enfraquecimento das ejetivas, que, no entanto, subsistiria como vestígios do antigo sistema nas duas línguas.

## COMPARAÇÃO LEXICAL

Comparamos 350 itens lexicais entre Mataco e Guaikurú e 138 entre Guaikurú e Bororo (Tabelas 11 e 12) e discutiremos algumas das correspondências encontradas. É importante notar que, embora seja bastante comum apontar uma possível relação genética entre Mataco e Guaikurú (Kaufman, 1994), encontramos um percentual maior de cognatos entre Bororo e Guaikurú (20 contra 4%). De qualquer forma, vale observar que o número de cognatos encontrados é bastante pequeno para ambos os pares e estatisticamente irrelevante para o par Mataco-Guaikurú. Guaikurú se refere a uma reconstrução feita em Ceria e Sandalo (1995).

Os possíveis cognatos são os seguintes. Note que aqueles marcados com negrito são os que apresentam correspondências menos atribuíveis a fatores aleatórios. A tabela de possíveis cognatos (Tabela 11) é seguida por uma tabela de correspondências com as respectivas ocorrências (Tabela 12). Como os dados são poucos, há poucas ocorrências para cada correspondência. A correspondência *w:k:k* foi a que mais se repetiu, embora tenha ocorrido apenas três vezes. Note, também, que os cognatos são bastante próximos e, assim, a comparação lexical feita neste trabalho sugere contato, ao contrário de uma relação genética distante. Isso é verdadeiro para todas as famílias comparadas. Finalmente, observe que, ainda corroborando com a hipótese de contato, alguns dos possíveis cognatos são palavras facilmente emprestáveis, relacionadas ao comércio, como exemplo, as palavras 'caminho/caminha', 'estrada', 'canoas'.

Tabela 11. Possíveis cognatos.

Glosa	Kadiwéu	Umutina	Bororo	Toba	Mocoví	Proto-Guaikurú	Wichi	Chorote	Nivacle	Maka
morder	-owag		okwa (boca)	nak	ewag	*æhæg	yokwah	lhamak	lhamä?k	lha?teqhip
poeira	ammoGo		joku	amoGoyaGa ?aylko?owe? (globo ocular)	amoGoyaGa	*ammuGGu	lamok			
olho	gekko:Ge	jikishi	i:mi		yim	*gaylko:Ge	nayih	nayi	nä(y)ich	ikheyix
eu	e:mm		ayje		najik	*yemm				
estrada,caminho	nayigi		ipare (mulher do chefe)			*nayyig				
irmã	niwallo		ipo		owalya (cunhada)	*üwallo		a?la:wo?		
bastão	iwoGo		kurugut:ugu	waGa		*iwoGGu				
borboleta	dyokoloGoloGo		awara							
andar	-awali-	abala	ika		remaguu					
canoa	-iwa:-	eyki								
contar		-atemat								
ano	nik:aGap:i									
espião	ewalal:ite									
árvore	ny:al:e									
onça	geddyogo	ayko	adugo	kiyok		*geddyugo	nekcha?, nekcham	nahkap	inkä?p	ininqap
fogo	olled	zo:ro	joru	odek	orek	*ullek	siwan-lhu-kwetáh	siwa:lak	siwaklak	siwalax
face	ajjike	ze	je	ashik	ashik	*addyike	ha?la	a?la?	yiklä?	naxkak
frio	wettamm	akyeto	akudu	atom		*waetomm				
cego	GollaGa		ku		qae?laq	*Go(e)llaGa				
sangue	-awodi	kokwa	neged		ewot	*æwudi		tabok	taklu?k	
criança	-igga:		okure	ogot-lek		*tuggat	woyis	woyis	wo?oy	
gordo (n)	-ajji-di		okure boe	chi-ta		*adyi	alha	alha?	atxe	uxe?
flor	-awoGo		tdl	awoGo		*awuGGu	lhawo	lhawo?	lhäwä	lh'op'om
fruta	aella		nowtu	ala	la	*ælla	lha?	lha?	lhay	lhe?
caçando	-awi:			awa:-tak		*awü	wuke	sa [wo]		
marido	-oddawa			wa		*wa	chewha	c?ilha	ch?akfa	ewheye?
perna	-ti (shinbone)			chi	ichi	*ti	eche	kyo?na?	'oych	kanaxak
falar (vi)	-otaGam	matara	bataruu	taq	etaq	*ættaGam				uxe?
vespa	witelowaGa		aki	qami	lawoyk	*lowoyG		nak]wo	woyti	lh'op'om
você	aqa:mmi		muga		qami?	*aqqa(:)mimi		(y)tok		
mãe	emi:i		baawadu							
fora	owe (verb)		(du = Nom)							
água	iy:oGo		jao					a?nat ~	inä?t	
ar	nyoqodi							inyat		
antes	jot:igide							nak]wo	woyti	



Tabela 12. Correspondências.

Glosa	Kadiwéu	Umutina	Bororo	Toba	Mocoví	Waikurúan	Wichi	Chorote	Nivaclé	Maka
	w		kw		w		kw			
	-owag		okwa (boca)	nak	ewag	*æhæg	yokwah			
	w	k	k							
canoa	-iwa:-	eyki	ika							
frio	wettamm	akyeto	akudu	atom		*waetomm				
sangue	-awodi	kokwa	ku		ewot	*æwudi	woyis	woyis	woʔoy	
	kk	k	k	k						
olho	gekko:Ge	jikishi	joku	ʔaylkoʔoweʔ (glóbulo ocular)		*gaylko:Ge				
	w		p		w					
irmã	niwallo		ipare (esposa do chefe)		owalya (cunhada)	*üwallo		aʔla:woʔ		
bastão	iwoGo		ipo	waGa		*iwoGGo				
	w	b	w							
andar	-awali-	abala	awara							
	g	k	g	k						
onça	geddyogo	ayko	adugo	kiyok		*geddyogo				
	ll	r	r	d	r	ll				
fogo	olled	zo:ro	joru	odek	orek	*ullek				
	jj	z	j	sh	sh	ddy				
face	ajjike	ze	je	ashik	ashik	*addyike				

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante notar que a comparação lexical entre Bororo e Kadiwéu resulta que as línguas não são relacionadas geneticamente. As palavras semelhantes levam-nos a crer sobretudo na difusão por empréstimo. No entanto, a comparação do morfema relacional tem sido usada, entre outras evidências mais fortes, para estabelecer relações genéticas entre famílias sul-americanas (Rodrigues, 1985). A presença do relacional na família Guaikurú, em conjunção com as evidências que viemos apresentar, de que o relacional em Bororo e nas línguas da família Guaikurú pode ter uma origem comum, aponta a necessidade de mais estudos areais e histórico-comparativos na região do Chaco.

## ABREVIATURAS

As seguintes abreviações foram usadas para os exemplos de Kadiwéu:

1	1ª pessoa	SUJ	sujeito
2	2ª pessoa	OBJ	objeto
3	3ª pessoa	OBL	argumento oblíquo
COMP	complementizador	pl	plural
NEG	negativo	sg	singular.



Note que Kadiwéu não admite hiato; esta língua conta com a epêntese de [t] para evitar a ocorrência de hiato. Um [t] epentético é glossado de EPN. Os dados estão transcritos fonologicamente de acordo com o alfabeto IPA, exceto para os seguintes símbolos: *j* corresponde a uma africada vozeada e *c* a uma africada surda.

## REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Lyle. **American Indian languages: the historical linguistics of Native America**. New York: Oxford University Press, 1997.

CERIA, Verónica G.; SANDALO, Filomena. A Preliminary reconstruction of Proto-Waikuruan with special reference to pronominals and demonstratives. **Anthropological Linguistics**, Indiana, v. 37, n. 2, p. 169-192, 1995.

GONZÁLEZ, Hebe. A typology of stops in South American Indian Languages. In: CONFERENCE ON INDIGENOUS LANGUAGES OF LATIN AMERICA, 1. University of Texas at Austin, 2003. **Proceedings...** Texas, 2003.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (Eds.). **The view from Building 20: essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge, MA.: MIT Press, 1993.

KAUFMAN, Terrence. The Native languages of South America. In: **ATLAS of the World's Languages**. Routledge: [s.n.], 1994.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes tropiques**. Paris: Plon, 1955.

MASON, J. Alden. The Languages of South American Indians. In: STEWARD, Julian H. (Ed.). **Handbook of South American Indians**. New York: Cooper Square Publishers, 1963. v. 6, p. 157-317.

MÉTRAUX, Alfred. Ethnography of the Chaco. In: STEWARD, Julian H. (Ed.). **Handbook of South American Indians**. Washington: Government Printing Office, 1945. v. 1, p. 197-310. (Bulletin, 143. Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution).

RODRIGUES, Aryon D. Uma hipótese sobre a flexão de pessoa em Bororo. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 45, 1993, Recife. **Anais...** Recife: [s.n.], 1993. p. 50.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas Brasileiras, para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon D. Evidence for Tupi-Cariban relationships. In: KLEIN, H. E. M.; STARK, L. R. (Eds.). **South American Indian languages: retrospect and prospect**. Austin: Texas University Press, 1985. p. 371-404.

RODRIGUES, Aryon D. Typological Parallelism due to Social Contact: Guató and Kadiwéu. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 9. Berkeley, 1983. **Proceedings...** Berkeley, 1983. p. 218-222.

SÁNCHEZ LABRADOR, José. Gramática Eyiguayegi-Mbayá. Según el manuscrito del siglo XVIII. 1760. In: SUSNIK, Branslava J. **Familia Guaycuru**. 1-166. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1971. (Lenguas Chaqueñas 1).

SANDALO, Filomena. Syntactic ergativity and argument hierarchy in Kadiwéu. **Revista da ABRALIN**, v. 3, p. 177-194, 2004.

SANDALO, Filomena. Paralelismo Fonológico entre as línguas Guaykurú e Bororo. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO EM LÍNGUAS INDÍGENAS DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA, 1, 2002, Belém. **Atas...** Belém, 2002.

STEWART, Julian H. (Ed.). **Handbook of South American Indians**. New York: Cooper Square Publishers, 1963. v. 6.

TOVAR, Antonio. El grupo mataco y su relación con otras lenguas de América del Sur. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 35, 1964, v. 2, p. 439-52.





VIEGAS BARROS, Pedro. ¿Existe una relación genética entre las lenguas mataguayas y guaycurúes? In: **Hacia una nueva carta étnica del Gran Chaco**. [S.l.: s.n.], 1993. V. Informe de Avance 1989/90. Centro del Hombre Antiguo Chaqueño (CHACO). Las Lomitas. p. 193-213.

Recibido: 04/07/2006  
Aprovado: 29/06/2007



